

O HOMEM LIVRE

CLASS. 1931 74
S. Paulo, 20 de Novembro de 1933
Redactor-chefe:
GERALDO FERREAZ
ASSIGNATURAS
Ano 20\$000
Semestre 10\$000
Numero avulso \$200
RUA DO CARMO, 11
1.º andar
NUM. 19 ANO 1

A manifestação anti-integralista do dia 14 de Novembro

A PRIMEIRA TENTATIVA INTEGRALISTA DE EMPRÉGO DOS MEIOS VIOLENTOS EM SÃO PAULO, FRACASSADA PELA REACÇÃO DOS ANTI-FASCISTAS. — O TIROTEIO DA AV. RANGEL PESTANA.

O proletariado brasileiro deve aprender a lição dos fatos de 14 de novembro e incorporá-la à sua experiência, aplicando na sua luta quotidiana as diretrizes que eles marcaram com uma clareza inconfundível. Si quizessemos estabelecer uma analogia para frisar a importância desse acontecimento, não poderíamos encontrar outra que a do aluno de escola primária que compreende, pela primeira vez, a vantagem do conhecimento da adição nos cálculos de multiplicação.

Quer-nos parecer que embora a violência de que foram vítimas as pessoas que saíram do "Salão Celso Garcia" não constitua o primeiro fato dessa natureza, as condições em que ela foi exercida foram de tal ordem significativas que forçoso se torna atribuir-lhe um caráter de lição prática de primeira importância.

O COMICIO DO "SALÃO CELSO GARCIA"

Realizava-se o comício promovido pelo "Centro de Cultura Social", com uma concorrência que há tempos não se verificava em reuniões desse caráter, em São Paulo. Mais de mil pessoas comprimiram-se no salão, enchendo todas as suas dependências.

Cerca das nove horas, o presidente do Centro abriu a sessão com umas palavras de explicação sobre a iniciativa do comício que foi o primeiro de uma série de conferências que o mesmo fará realizar no sentido de esclarecer a opinião pública e principalmente o proletariado acerca dos verdadeiros objetivos e dos métodos do integralismo.

Em seguida, ocupou a tribuna o representante do Partido Socialista Brasileiro. Enquanto o orador discursava foram penetrando no salão diversos fascistas, que empregaram a tática da "invasão por grupos". Alguns deles tentaram, meio descaradamente, estabelecer o tumulto, mas não conseguiram o seu intento provocatório devido à rápida reação dos ouvintes, que os expulsaram da sala imediatamente. Todavia, o grosso dos integralistas, que por sinal não vestiam a camisa azuleta, permaneceram no local.

Terminando o orador socialista, subiu ao palco J. Neves, representante de "O Homem Livre". Em análise cuidadosamente feita, o nosso companheiro esboçou esse agregado de imposturas e de demagogia torpe que são as obras "teóricas" dos novos "salvadores" da pátria. Deteve-se o orador longamente no exame de cada "princípio", de cada pretensa "idéia" da cartilha integralista, frizando em estabelecer sempre um paralelo entre o integralismo e o seu modelo natural, o fascismo italiano.

A TENTATIVA DO ASSALTO

Nessa altura, os capangas de Plínio Salgado, desesperados de fazer qualquer coisa na sala devido à disposição que viam patente em cada pessoa, saíram à rua e organizaram um bloco de cerca de 200 indivíduos com o objetivo de assaltar e dissolver a reunião. Assim incorporados, atiraram-se violentamente contra a porta de entrada aos gritos de "viva o fascismo!", etc. Chegando aí, porém, sendo enfrentados por algumas pessoas decididas, a

sua coragem mostrou-se tal qual é: a coragem dos covardes que, mesmo armados, não enfrentam o inimigo senão à condição de que este seja numericamente 100 vezes inferior, pelo menos.

Durante todos esses fatos a polícia, que estava de prontidão, não molestou sequer um camisa-azuleta, deixando-lhes plena liberdade de ação.

O tumulto estabelecido pelos fascistas na rua repercutiu no interior da sala, onde os assistentes manifestaram o desejo de sair à rua para enfrentar a corja integralista. Restabelecida a calma, o presidente do centro declarou que a leitura da conferência de nosso companheiro J. Neves estava suspensa, por ser muito longa.

Óra, apesar de estarmos de inteiro acordo com a atitude assumida, nesse dia, antes e depois desse fato pelos operários do "Centro de Cultura Social" não podemos deixar de esclarecer aqui que essa medida constitui simplesmente um erro. Não o afirmamos por se tratar de um nosso companheiro de redação, que foi falar a convite especial da Diretoria do Centro, mas sim porque o fim que os integralistas visavam era esse mesmo: o de interromper a conferência.

Interrompida a conferência, subiu ao palco Hermínio Marques, que dirigiu umas palavras de incentivo para a ação antifascista e aconselhou os manifestantes a saírem todos juntos.

"A INTERNACIONAL"

A massa abandonou o prédio em perfeita ordem, dirigindo-se, na quasi totalidade, em direção à Praça da Sé, pela rua Wenceslau Braz. Os integralistas, que se haviam reunido nesta rua e na Praça, em grupos numerosos, tentaram mais uma vez provocar, dando "morras" e empregando linguagem de latrina, numa demonstração muito clara de covardia balnearia moral. Em resposta, um grupo de trabalhadores cívicos e lúcido da solidariedade dos oprimidos de todo o mundo: a "Internacional". Desmoralizados e acovardados, os integralistas resolveram fugir para a arapuca da Avenida Brigadeiro Luís Antônio que lhes serve de sede.

NA AVENIDA RANGEL PESTANA

Entre os que estiveram presentes à reunião, muito havia que residem no Braz. Era natural que esses elementos, na maioria companheiros de trabalho, seguissem juntos para as suas casas. Foi assim que um grupo de cerca de 80 pessoas desceu a ladeira do Carmo e, pelo Parque da Varzea, ganhou a Avenida Rangel Pestana. Ao chegar à altura da rua Figueira de Melo, inesperadamente, sem que ninguém esperasse, um pelotão de agentes de polícia, que vinham seguindo os manifestantes de automóvel, irrompeu na frente do grupo aos gritos de "Para porque é a polícia!", "Não corram!", etc.

Os jornais reacionários de São Paulo, em suas reportagens, afirmaram que, nesse instante partiram do grupo, "sem se saber porque" ("A Gazeta") numerosos disparos em direção aos agentes da polícia. Isto não é verdade.

Os primeiros disparos partiram

dos policiais, logo após a sua aparição, sem que os componentes do grupo pudessem ter sequer o tempo de dar-se conta do que ocorria.

Também não é verdade que os agentes atiraram só para o ar, pois os ferimentos de Agostinho Farina são uma prova de que os trabalhadores foram visados diretamente. Se não houve mais feridos isso se deve em grande parte à topografia do local, que oferece muita facilidade de abrigo. De fato, os manifestantes refugiaram-se nas imediações podendo assim evitar a prisão.

OS PRESOS

Nessa noite, 17 pessoas foram presas. Muitas delas foram barbaramente espancadas a coronhadas de revólver, socos e ponta-pés. E isso, sem nenhuma culpa, sem que houvesse nenhuma razão, mas pelo simples prazer de exercer violências contra os trabalhadores atim de aterrorizá-los.

"O Homem Livre" não pôde calar-se nem encobrir a verdade. Fiel ao programa que traçou, de luta decidida contra o fascismo e contra a adoção dos seus métodos barbarescos de repressão do movimento operário pelo aparelho policial, levanta bem alto o seu protesto contra a violência exercida contra trabalhadores que voltavam para a sua casa pacificamente, e contra a prisão dos antifascistas. José Martins, José dos Santos, Elias Valente, Luiz Paparo, Benedito Romanones, Santiago Garcia Hernandez, Domingos Neto Garcia, Raul Fernandes, Francisco Marino Ortiz, Luiz Trajano Hernandez, José Jarejo Martins, Antonio Martins Perez, Elias Eischenhal, Manoel Guimarães Junior, José Herrera Botelho, Gastão Massau, Joaquim Odas Ruiz e Milton Campos.

O companheiro Agostinho Farina foi ferido na perna, por uma bala de calibre 38. Apesar da vigilância da Assistência pública, o ferido só foi transportado pela ambulância mais de 20 minutos depois de ter caído ao solo.

Enquanto os integralistas organizam bandos de capangas armados, destilam em pelotões militarmente organizados, pelas ruas da cidade, a quem a bala as reuniões de operários, como em Fortaleza, ou provocam ostensivamente os operários pacificamente reunidos, como no dia 14, os trabalhadores não têm sequer o direito de volverem para os seus lares em grupos.

Operários, cidadãos, homens livres, protestam contra as violências exercidas contra os trabalhadores! Organizai-vos para a luta contra o fascismo! Antifascistas de todas as tendências, uní-vos para ação comum contra o inimigo comum!

Que a toda agressão fascista corresponda imediatamente o corretivo necessário. Estaremos ajudando em legítima defesa. Não recuar na luta! Organizando a nossa defesa, defendemos ao mesmo tempo as liberdades de todos contra o fascismo que quer escravizá-los. Protestam contra a prisão de 17 antifascistas e manifestam a voosa solidariedade ao companheiro Agostinho Farina, ferido pela arma da reação!

No dia 17, a polícia poz em liberdade 12 dos antifascistas presos, conservando ainda detidos Elias Eischenhal, Luiz Paparo, Benedito Romanones, Martins Perez e outro cujo nome ignoramos.

Camisas-Verdes e Camisas-Brancas

Ao mesmo tempo que vão tomando contornos mais nítidos, com a reunião da Constituinte, as diversas tendências políticas, ou melhor, os processos históricos que vão decidir dos destinos da nação brasileira, as cabeças dos "duces" indígenas se enchem certamente, apesar de sua indigência intelectual, de lugubres ou esperanças cogitações. Plínio, que quer o Brasil inteiro integrado nas suas mãos tão debeis, deve andar cheio de sombrios presentimentos.

Na balança da historia brasileira, a reunião da Constituinte tem que ser colocada, sem dúvida, na concha do processo da unidade nacional. A classe dirigente de S. Paulo ensaia voltar às posições que ocupava na federação antes de outubro de 1930. Nesse caminho ela entrou com o assentimento das burguesias gaucha e mineira sustentadas com a ameaça de uma ditadura militar e, principalmente, certas de que S. Paulo estava ainda, apesar da crise do café, forte bastante para não submeter-se. A instabilidade da situação de nada lhes servia e foi a contragosto que em 1930 viram-se elas privadas da colaboração de uma fração das classes possuidoras do Estado que, sendo um obstáculo ao domínio dos políticos dos pampas, serviu o seu afastamento para a satisfação das aspirações pequeno-burguesas dos chefes militares vindos dos movimentos anteriores, e cuja demagogia, ainda que por um momento, chegou a movimentar camadas mais largas do povo paulista, nos dias que se seguiram a 24 de Outubro. A posse do governo de S. Paulo assim como a ruptura do equilíbrio político dificilmente mantido até 1930 deram alguma força a esse movimento sem base duradoura.

Mas se Minas, e principalmente o Rio Grande do Sul, que ocupa posição dominante, deram a mão a São Paulo, isso não significa que o seu assentimento chegue até o restabelecimento do domínio paulista anterior ao movimento de Outubro. Antes de ser atingido esse ponto, para o qual tendem inelutavelmente as forças econômicas do Estado, é possível que a unidade nacional sofra uma nova e mais grave crise.

O movimento de caráter pequeno-burguês que adquiriu alguma consistência com a ruptura do equilíbrio político tem, agora que se apresenta francamente reacionário, com a perda de suas posições mais importantes, como chefe o general Gois Monteiro. O irrequieto militar, que não esconde as suas tendências fascistas, arvorou-se em campeão da unidade nacional, que, na sua opinião, somente é possível com a implantação de uma ditadura sustentada a "mangunello" e a óleo de ricino. E para isso apele para a parte mais reacionária do Exército e investe con-

tra a democracia que em sua plenitude ainda estamos para conhecer no Brasil. No seu discurso de sábado chegou mesmo a ameaçar a Constituinte de dissolução. Respondendo-lhe o interventor Flores da Cunha fez-lhe ver claramente que, por enquanto, as classes dominantes não precisam de seu fascismo. Assim, a carreira do general está seriamente comprometida. Mas é provável que ele insista. De paladino da unidade, tornar-se-á então, e a este respeito ninguém tem duvida, em campeão da desagregação nacional.

O futuro de Plínio Salgado em S. Paulo está ligado ao do movimento chefiado pelo sr. Gois Monteiro. Se o general chegar a implantar a ditadura com que sonha, o "fuhrer" de S. Bento de Sapucaí poderá aspirar neste Estado a ser transformado num lugar-tenente sem perstígio. Mas arranjará um emprégo, ainda que de pequena duração, e poderá investir mais à vontade do que agora, em que se limita às provocações, contra as organizações dos trabalhadores e contra todos os antifascistas. O futuro próximo de Plínio Salgado não tem, assim, nada de cor de rosa. Foi por isso que dissemos que a sua cabeça deve andar povoada de presentimentos sombrios.

Mais inteligente é o sr. Menotti del Picchia, que sabe que uma ditadura nos moldes fascistas no Brasil não é viável. Mas nem por isso desiste de se candidatar a "Duce". Não acreditando na volta do domínio da burguesia paulista na federação, o que equivale a dizer que não acredita na unidade nacional, procura lançar as bases do "Fascio" paulista, com os "camisas brancas".

Se a unidade nacional não é uma palavra de ordem para a pequena-burguesia ela não o é igualmente para a classe dirigente do país. As classes trabalhadoras, que poderiam dizer a última palavra na crise de desagregação cujo processo ameaça perder a lentidão que caracteriza movimentos dessa natureza, por motivos a que não cabe aqui aludir, permanecem à margem dos acontecimentos políticos, não tendo tomado conhecimento das eleições constituintes, a não ser através dos sindicatos ministeriais.

Mas o que não foi feito deverá verificar-se agora. Já é tempo de reconhecermos todos, que no nosso tempo unicamente a maioria das populações tem interesse na existência das liberdades democráticas, isto é, o direito de reunião, liberdade de sindicalização, de pensamento e de imprensa. Aqueles que se manifestam nos nossos dias contra a democracia, como se ela fosse outra coisa que um "modus-vivendi" numa sociedade dividida em classes, fazem consciente ou inconscientemente o jogo do fascismo.

O caráter preventivo do fascismo brasileiro

DE COMO PLÍNIO SALGADO PODERÁ VIR A TER UMA IMPORTANCIA QUE OS SEUS ROMANCES MAMBEMBES AINDA NÃO LHE DERAM

Não se pode discutir seriamente com um integralista. Essa gente de camisa verde tem um horror sacrosanto à verdade. O seu ofício é esse, a sua função social é essa: fugir à discussão honesta, mentir, mistificar. E isso por todos os meios ao alcance de sua má fé e de sua patifaria.

Evidentemente, não estamos aqui para convencer o cavalo do cavaleiro de Itararé, também conhecido, no século, por Plínio Salgado, de que a sua atividade política é infame e merece cacete. Nem o Miguelzinho Reale, de que a sua sabença se parece muito com a do Marquez de Maracujá, e que a deste tem grandes pontos de contacto com a do dr. Jacarandá. Não. Evidentemente visamos outra coisa. Queremos é impedir que a demagogia sordida dos fascistas brasileiros, atinja certas camadas indígenas da pequena-burguesia e do proletariado, ainda ignorantes dos seus verdadeiros interesses.

Tome-se um folheto qualquer publicado pela Ação Integralista. Procure-se reduzir a expressões mais acessíveis e normais esse amontoado de palavras exdrúxulas, onde as maiúsculas superabundam — Pátria, Mocidade, Inteligência (os integralistas falam mesmo em inteligência) Futuro, etc. Um analista consciencioso ficará de queixo caído, sem saber por onde começar o seu trabalho, como aconteceu há pouco com o pobre Manuel Bandeira, crítico literário do "Diário Carioca", que por obrigação profissional se viu na dura contingência de ter de dizer alguma coisa de uma publicação "apostolar" do profeta de S. Bento do Sapucaí. Mas uma vez realizada a tarefa de expurgo, toda a vistosa doutrina do Chefe mingua, deixa os penduricalhos cair, perde um olho de vidro, desatarraxa uma perna de pau, descomprime um selo de borraça, arranca uma bela, loura e abundante cabeleira postiça, para aparecer tal qual é, um monstrenho que se pode resumir em duas ou três frases asnáticas.

Manuel Bandeira não tem a malícia de um político, nem a penetração de um marxista, mas mesmo assim conseguiu mostrar que Plínio Salgado, no seu verbalismo exacerbado, no seu luxo de citações, estrofia os nomes próprios familiares a qualquer ginasiano. E quando afirma qualquer coisa com jeito, é para chegar a conclusões desnorteantes como esta: "no tempo do gostoso do Império, as relações de senhor para escravo, eram as relações de pai para filho..." O chefe integralista esqueceu-se de acrescentar que às vezes eram mesmo: as relações de pai branco com o filho mulatino, concebido geralmente na capela da fazenda.

A doutrina integralista às vezes aparece na imprensa burguesa. E' movediça e varia muito com as circunstâncias. Mas o que o Miguelzinho Reale jura, repetindo palavras do mestre que é pura "ideologia brasileira", não passa de uma roupagem carnavalesca. O nilolo mesmo, como diria o Eça, chegou pelo último paquete, que por sinal atrasou um pouco. São as afirmações gerais, de princípio, dos reacionários de todo o mundo, como essa famosa história da harmonização, conciliação ou integração das classes, — das duas classes centrais em que se biparte a sociedade contemporânea. Aqui é que aparece a safadeza. Uma pessoa

de mediana cultura e razoável honestidade poderia raciocinar assim: Os integralistas querem eliminar as lutas de classes. O desejo, bem examinado, não é mau. Mas as classes não surtem por acaso, não caem do céu. Existem determinadas pelas condições da economia capitalista, que concentra nas mãos de meia dúzia de tubarões toda a riqueza social, ao passo que a absoluta maioria, o proletariado à frente e as classes médias atrás, se vê despojada de toda e qualquer propriedade, vivendo unicamente do próprio trabalho, de onde o patrão arranca a mais-valia que não produziu. Por isso é que Prondhon afirmou, repetindo um pensador da Revolução francesa, que a propriedade é o roubo. Poderemos afirmar hoje que é o roubo muito bem organizado, mas nem por isso destinado a perpetuar-se.

Se os integralistas desejam eliminar a luta de classes, podem até se confundir com os comunistas, que também o querem. Mas há uma pequena diferença. Os assas de Plínio, Gustavo Garapa e Madeira de Freitas (este é aquele mesmo Mendes Fradique que escreveu a "História do Brasil pelo método confuso", obra de fôlego que

lhe valeu o título de catedrático dos cursos "sociológicos" dos camisas cor-de-azeitona, e tão bom cristão que garante, nos anúncios da sua charlatanesca medicina a cura radical da diabetes) os asseclas dessa gente, dizíamos, não aspiram à eliminação pura e simples das classes, pelo domínio da mais numerosa e oprimida, como os marxistas, mas sim fazer com que o capitalista, dentro da arquitetura miraculosa do Estado totalitário, dê o braço sorridente e amigo ao operário, numa confraternização de almas e interesses que desde já enche da mais líquida ternura o peito magro de neurótico do poeta do "Thabor". A conclusão forçosa a que se chega é que se as classes não desaparecem, pela expropriação dos expropriadores e a generalização do trabalho, e apenas se "harmonizam", ou, o que é mais forte e mais moderno, se "integram", o capitalista continuará a existir como capitalista e o operário como operário. Este apenas sofrerá uma pequena transformação em sua vida: Não poderá mais pensar pela própria cabeça, não poderá mais reunir-se em sindicatos para a defesa do seu pobre salário, não poderá mais sair à rua, em manifestações partidárias, se-

não envergando o uniforme carnavalesco talhado pela tesoura dos "Duces" e "fuherer", não poderá mais ser gente, em suma. E não se pense que a estas restrições de caráter político haverá melhora de vida. Af stá o "bluff" da Itália, com as suas "grandiosas" obras públicas e os seus milhões de desocupados, a que somente uma guerra poderá fornecer trabalho; aí está o exemplo monstruoso da Alemanha que, por ser mais adiantada, ultrapassou contradiitoriamente a península em selvageria e banditismo, para glória e saquego dos barões da margem do Elba.

O integralismo, o fascismo, destrói política e fisicamente o operário, assim como suprime todas as organizações políticas, económicas ou simplesmente culturais do próprio campo da burguesia desde que tenham programa liberal ou "socialista".

E' esta a quota de sacrifício que, no campo da burguesia, os próprios interesses de conservação desta reclamam.

Esta oposição do integralismo ao liberalismo é naturalmente explorada demagogicamente por Plínio Salgado & Cia. para imbuir a boa fé dos incautos. Isto ainda se torna mais fácil no Brasil, onde os magnatas do capital ainda não têm necessidade orgânica do fascismo institucional, e apenas toleram os milicianos verdes (verdes por cima e amarelos por baixo) a título preventivo. Mas a situação geral do mundo é tal que Plínio Salgado poderá vir a ter para a burguesia brasileira uma importância que os seus romances mambembes até agora ainda não lhe deram.

Nisto reside a justificativa maior da nossa luta. E esta luta irá até o fim.

Uma carta de um operário

"Aos Operários de todas as Categorias"

Meus companheiros:

Como operário humilde que não pretende fazer reclame de sua pena, mas sim exprimir suas ideias, seria uma covardia de minha parte se não as manifestasse por escrito aos meus companheiros de labuta. Quero vos prevenir em tempo, afim de que não caia nas malhas do integralismo que se pretende instalar no Brasil! Muitos dos meus companheiros ainda ignoram o verdadeiro significado dessa palavra, e o que vem a ser essa ideologia política.

Integralismo quer dizer fascismo, e o fascismo, nós o sabemos, é uma nova força armada, bem municiada e prestigiada pelo capitalismo organizado. O capitalismo recorre a essa nova força armada, com chefes de sua absoluta confiança, para que no dia de amanhã possa salvaguardar o seu patrimônio e o seu predomínio político absoluto.

Custe o que custar, embora com o sacrifício de perderem a metade de suas riquezas, sujeitando-se ao pagamento dos mais exorbitantes impostos, eles, os fascistas, fazem-no com satisfação, porque o que pagam eu viro a pagar, é sempre descontado dos minguaos ordenados dos trabalhadores, e assim toda sua fortuna lhe ficará intacta como sempre.

Essa grande quadrilha de indesejáveis integralistas porém, não passa de lobos a procura de cordeiros. Eles são os magnatas da indústria, dos privilégios, do afilhadismo, dos títulos nobiliárquicos, dos galões doirados, etc., e nós, operários somos os escravos, os ignorantes, os humildes e os esfarrapados, e desta forma não podemos de maneira alguma estabelecer contacto de amizade com gente que sempre nos explorou e que sempre nos explorará. Essa gente "honesta", de "ventre enorme e capacidade minguada" pretende atrair-nos às suas fileiras com promessas que nunca serão cumpridas.

Os operários concientes sabem perfeitamente que entre o capital e o trabalho; entre o estomago vazio e o estomago cheio, entre a necessidade e a abastância, há uma diferença tão grande que não admite possibilidade de acordo. Sim, porque nós sabemos de antemão que quem tem privilégios não os quer perder; quem possui honrosos títulos não os quer perder; quem ganha ordenados fabulosos não admite um regime de igualdade. Os integralistas e os padres não sabem e não querem saber como se trabalha para ganhar na enxada de sol a sol, ou em qualquer outro campo de atividade onde o trabalhador esgota sua vida, na luta do ganha-pão. Eles querem é apenas massacrar aqueles que, dentre nós, levantam a sua voz contra o infame regime da exploração do homem pelo homem, afim de poder explorar-nos socegradamente, enquanto nós morremos na miséria e no desespero.

Companheiros, organizai-vos e lutai contra os que nos querem impor pela força e pela violência, um regime completamente contrário às nossas aspirações.

São Paulo, 16-11-1933.

ARNALDO PETTINATI

Os católicos estão se metendo entre os operários

Os católicos da Associação Universitária Católica estão se metendo entre os operários afim de "fundar círculos de estudo em que os próprios "auçistas" vão ministrar ensinamento aos operários", "formando assim, pela educação das massas obreiras, verdadeiros NUCLEOS de futuros sindicatos cristãos", — conforme relata o jornal para-hostia A.U.C., órgão de Ação Universitária Católica.

Os mocinhos bonitos da A. U. C. irão ensinar aos operários os preceitos cristãos da abstinência, do respeito e da renúncia.

Compreende-se que esses preceitos, uma vez aceitos pelos operários, constituam uma arma muito boa para os patrões. Não sendo assim, não se explica porque um grande industrial como Tristão de Ataíde esteja à frente dessa iniciativa. O operário que se abstém de comer, que respeita o chicote do senhor e que renuncia a qualquer reivindicação é um cordeiro manso a quem se tira a lã sem dores de cabeça.

Mas há um aspecto grave da questão: é o da exploração direta desses senhores, que já estão realizando conferências, onde correm os "pratinhos", que se enchem de niqueis dados pela ingenuidade dos trabalhadores.

Para que servirá esse dinheiro? Talvez para melhorar as condições de vida dos que não tem frequentemente, um peda-

ço de pão para comer? Não. A resposta são os próprios católicos quem a deram, no dia 15 do corrente, numa notícia que foi publicada no "Diário de S. Paulo" e de que extraímos o seguinte tópico:

"As Irmãs do Sagrado Coração não querendo que ficasse esquecida da autoridade pontificia a santidade da sua fundadora, que conta 200 casas em todo o mundo com 5.000 monjas, reuniram um milhão de dólares, para promover o longo e dispendioso processo apostólico de canonização, em favor de Madre Cabrini, que morreu em 1917, no esplendido Columbus Hospital de Chicago, em frente ao Lake Vier Avenue".

Lá se vão para a Santa Sé os niqueis dos operários "ensinados" pelos católicos! Um milhão de dólares, para que "a autoridade pontificia" não esqueça a "santidade" de uma senhora (?) enquanto os desempregados ficam de barriga vazia à espera de um lugar de trabalho e os empregados são despejados das suas casas por não ter dinheiro para o aluguel.

Quanto às intenções dos mocinhos da A. U. C., além das que apontamos mais acima, existem outras constantes da nota publicada no jornal A.U.C. — Órgão da Ação Universitária Católica:

"Fundou-se em São Paulo, no mês passado, a Liga de Defesa Social, com objetivos de eficiente campanha junto ao operariado da Capital e do Interior, em combate aos princípios extremistas. E' a seguinte a sua Diretoria:

Presidente — João Baptista de Sousa Filho, Vice-presidente — Conde André Matarazzo, Consultor técnico — Dr. Anacleto da Costa Ferreira (delegado de Ordem Social), Diretor de publicação — Dr. Pau-

lo Barros de Unhoa Cintra, Secretário — Dr. Adalberto Exel.

Para melhor cumprir sua missão, a Liga publica mensalmente uma revista, destinada especialmente aos operários, a "Revista Popular", tendo já feito circular o primeiro numero, que mostra a boa orientação dos seus dirigentes. E' seu redator-chefe o nosso colega e "auçista" A. G. Xavier Neto.

Compreenderam os organizadores da Liga de Defesa Social a necessidade de uma seria educação das massas operárias, ao lado da ação repressiva da polícia, para fazer frente às mistificações da propaganda socialista. Ainda há pouco tempo, quando esteve em São Paulo, o prof. Robert Carrle apontava, em conferencia feita na A. U. C., um dos grandes males sociais dos nossos dias — a separação entre a classe intelectual e a classe obreira, que as "Equipes Sociais" dos católicos franceses visam sanar.

Eis um dos mais vastos horizontes para a Liga de Defesa Social.

Quando o grupo da "Inteligência", na Rússia, deixou a esfera das puras elocubrações, para se pôr em contacto com as camadas populares, foi aceso o rastilho que mais tarde Lenin ia encontrar já em labaredas incendiárias. E' preciso também que a inteligência brasileira desça do escriptorio à usina, em sentido exatamente oposto ao daqueles intelectuais da terra de Tolstoi, para evitar que se alastre mais tarde a secntelha rubra que a "frente unica" judaico-maçônica-bolchevista procura lançar sobre o nosso operariado.

Esta notícia dispensa qualquer comentário. Que os operários se ponham na defensiva, reorganizando e fortalecendo os seus sindicatos livres.

"MANUAL ORTOGRÁFICO"

POR UM PROFESSOR

Com prefácio de Medeiros e Albuquerque. Aprovado pela Federação das Escolas de Comércio de S. Paulo.

PREÇO 12\$000

A' venda em todas as livrarias

GRAFICO EDITORA UNITAS LTDA

Malharia Loslowski

RUA JOSE PAULINO, 80

TEL. 5-4163

O incêndio do Reichstag

Relatório da Comissão de Inquerito reunida em Londres

(TEXTO INTEGRAL)

AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS ALEMÃS

A Comissão considera útil publicar uma tradução das três comunicações oficiais mais importantes:

COMUNICADO DE 28 DE FEVEREIRO

"Na última segunda-feira, o Reichstag incendiou-se. O comissário do Reich para o Ministério do Interior da Prússia, o ministro do Reich, Goering tomou, desde a sua chegada ao local do incêndio, todas as medidas impostas pelas circunstâncias, e assim como a direção da ação. Ao receberem a notícia do incêndio, chegaram ao local também o chanceler do Império, Adolf Hitler e o vice-chanceler, Von Papen.

Sem dúvida alguma, estamos em presença do mais grave incêndio voluntário que se declarou na Alemanha.

O inquerito da polícia estabeleceu que haviam sido colocados em todo o edifício do Reichstag, a começar do rez-do-chão e a terminar na cúpula, numerosos fôcos. Estes fôcos eram feitos de uma solução de pixe e tochas, que haviam sido colocadas nos sofás de couro, sob os impressos do arquivo, ao lado das portas, dos cortinados, nos madeiramento e em outros lugares facilmente inflamáveis. Um agente de polícia lobrigou, no edifício algumas pessoas carregando tochas acesas: ele descarregou o seu fuzil imediatamente. Foi possível prender em seguida o autor: tratava-se de um pedreiro, de 24 anos de idade, chamado Van der Lubbe, natural de Leyde — Holanda — que possuía um passaporte holandês e que confessou ser membro do partido comunista holandês.

A parte central do Reichstag foi inteiramente destruída. No interior, queimaram-se a sala das sessões, todas as tribunas e os reservados. Os prejuízos ascenderam a vários milhões de marcos.

Esse incêndio é o mais monstruoso ato terrorista praticado na Alemanha pelo bolchevismo. Entre os cem milhares de documentos subversivos que a polícia encontrou quando da perquisição na "Casa Liebkuecht", existiam instruções para a realização de um plano de terrorismo comunista, baseado no modelo bolchevique.

Por esses planos, estabelecia-se que os edifícios governamentais, os museus, os castelos e grandes empresas deviam ser incendiados. Além disso existiam instruções no sentido de colocar mulheres e crianças à frente dos grupos terroristas por ocasião de desordens e choques, e, se possível, as mulheres e crianças dos funcionários de polícia. Pela descoberta desses documentos, a realização metódica da revolução bolchevique foi impedida. Apesar disso, o incêndio do Reichstag deveria constituir o sinal do motim sangrento e da guerra civil. A começar das 4 horas da madrugada de terça-feira, deveria iniciar-se a pilhagem em Berlim. Estabeleceu-se que hoje deveriam começar, em toda a Alemanha, os atos de terror contra determinadas pessoas, contra a propriedade privada e contra a população pacífica e que a guerra civil deveria arrebentar.

O comissário do Reich para o Ministério do Interior, o ministro Goering, opoz-se a esse monstruoso perigo com as mais severas medidas. Ele manterá intacta a autoridade do Estado por todos os meios. Constatou-se que o primeiro ataque das forças criminosas pode ser rechaçado. Para proteger a segurança pública todas as empresas públicas importantes foram postas sob a vigilância da polícia desde a tarde de segunda-feira. Caminhões especiais da polícia percorrem ininterruptamente os bairros mais expostos. Toda a polícia de segurança e a polícia jurídica da Prússia foram postas de prontidão. A polícia auxiliar já foi convocada. Uma ordem de prisão contra dois influentes deputados, acusados de cumplicidade, foi baixada. Os outros deputados e

os funcionários do partido comunista serão presos por medida de prevenção. Na Prússia, os jornais comunistas, os manifestos e os cartazes foram interditos por 4 semanas. Tendo confessado o incêndio, o Reichstag, os jornais deste são suspensos por 4 dias. Por esta confissão, a frente única comunista-socialista tornou-se claramente, uma realidade. Ela exige das guardas responsáveis pela segurança da Prússia uma ação imposta pelo dever de salvaguardar no momento do perigo, a autoridade do Estado. A oportunidade das medidas introduzidas anteriormente (decreto sobre as armas de fogo, polícia auxiliar, etc.) foi inteiramente comprovada pelos últimos acontecimentos. Elas são suficientes para defender a autoridade do Estado, para cortar na raiz as tentativas contra a paz na Alemanha e, por conseguinte, na Europa. O ministro do Reich, Goering pede à nação alemã uma grande disciplina nesta hora difícil.

Ele espera ser sustentado sem reservas por toda a população. Ele se declara garantidor da sua segurança e da sua proteção."

COMUNICADO DE 1.º DE MARÇO

"Do atual inquerito oficial sobre o incêndio voluntário do edifício do Reichstag alemão, resulta que, para levar o material do incêndio, foram necessárias, pelo menos, sete pessoas. Todavia, devido a dispersão dos fôcos, a ação de os acender ao mesmo tempo no imenso edifício necessitou, no mínimo, de dez pessoas. Não há dúvida de que os incendiários estavam perfeitamente ao par de todos os detalhes desse grande edifício, que só se pôde conhecer inteiramente depois de uma longa frequência sem entraves de anos, graves suspeitas pesam sobre os deputados do partido comunista que, com especialidade nestes últimos tempos, se reuniam estranha e constantemente, e sob os mais diversos pretextos, no edifício do Reichstag. Este conhecimento do edifício do Reichstag e o horário de serviço dos empregados podem explicar o fato que só o comunista holandês preso em flagrante, pôde ser detido, porque, sem conhecer o lugar não podia, uma vez cometido o crime, afastar-se do local. O preso, que é conhecido na Holanda, principalmente, como um militante, assistia constantemente às reuniões do Comitê de ação e obteve licença para tomar parte na execução do incêndio.

O inquerito estabeleceu, além disso que três testemunhas oculares viram, nos arredores do Reichstag, algumas horas antes do incêndio, o holandês culpado em companhia dos deputados do Reichstag, Targler e Koenen. A hipótese de um erro das testemunhas oculares deve ser afastada, devido ao aspecto particular do incêndio do Reichstag.

Dado que a entrada dos deputados no edifício é proibida depois das 20 horas e que os deputados Toegler e Koenen ordenaram aos empregados, que lhes fossem devolvidas as roupas que haviam deixado no vestuário às 20.30, e que, além disso, eles saíram do prédio só às 22 horas, graves suspeitas pesam sobre esses dois comunistas. Foi durante esse período de tempo que o fogo foi ateado. O boato de que o deputado Toegler se entregou voluntariamente à polícia é falso. Na verdade, Toegler solicitou um salvo-conduto por intermédio de seu advogado, quando reconheceu que sua fuga era impossível. O salvo-conduto foi-lhe negado e o deputado foi detido."

COMUNICADO DO JUIZ DE INSTRUÇÃO

"O Juiz de instrução do Tribunal do Reich, FAZ SABER: que no dia 9 de março de 1933, os três refugiados políticos búlgaros abaixo mencionados, foram presos por implicados em caso de alta traição:

1.º — Georges Dimitroff, nascido em 18 de junho de 1882, em Radomir.

2.º — Wassil Teneff, nascido aos 12 de novembro de 1897, em Guegeli.

3.º — Blagol Siminoff Popoff, nascido em 28 de novembro de 1902, em Drjen.

Esses três indivíduos viveram longamente na Alemanha e particularmente em Berlim, sem registro legal, e manifestaram-se politicamente no sentido do extremismo de esquerda. Eles mantiveram relações com os incendiários do Reichstag.

Dimitroff usava um falso passaporte sob o nome de "dr. Rudolph Jan Hediger", nascido em 20 de agosto de 1884, em Aargau (Suíça). Em outras ocasiões, fazia-se chamar de doutor "Jan Schaatsma".

Teneff usava o nome de "Nicolau-Ivanoff Pieneff", nascido em 15 de dezembro de 1900, em Plewen, Bulgária.

As informações úteis sobre as residências e a atividade destes três indivíduos devem ser dirigidas a:

L. A. Jaeger 0025, Hausanruf 377 e 378, a/c do "Kriminalkommissar" Helsing, Abt. I."

DETALHES SOBRE MARINUS VAN DER LUBBE

A Comissão julgou indispensável efetuar um inquerito tão completo quanto possível sobre o meio em que Marinus Van der Lubbe foi criado, sobre seu caráter e sua atividade política.

Enviou, por isso, à Holanda, os membros drs. Bakker-Nort, Vermeulen e Brantling.

Os 16 testemunhos recolhidos in loco por essa sub-comissão, foram incorporados num documento autenticado. Três desses testemunhos apareceram perante o Tribunal de Londres, onde renovaram os seus depoimentos e forneceram detalhes complementares. As partes mais importantes destes testemunhos são objeto de uma análise detalhada nas partes que se seguirão do presente relatório. Limitar-nos-emos a dar aqui, um resumo essencial:

Os testemunhos estabelecem que Marinus Van der Lubbe nasceu em 13 de janeiro de 1909, pertencendo a uma família de boticários de Leyde, na Holanda. Sua mãe faleceu quando ele tinha 12 anos, sendo obrigado a ganhar a vida como operário desde a infância. Foi vítima de dois acidentes na vista, que o deixaram quase cego. E'ra incapaz de ler sem aproximar os documentos dos olhos e necessitava

de algum tempo antes de reconhecer que outra pessoa se encontrava na mesma sala. Quando tentou de trabalhar como operário nos barcos de dragagem de areia, perdeu o emprego por ter caído na água em consequência da inferioridade de sua vista. E' pensionado por incapacidade de trabalho parcial e permanente. Seu caráter é instável e influenciável: enfim, é a espécie de pessoa fácil de ser empregada como instrumento de atos de terrorismo.

Durante algum tempo, ele foi membro do Partido Comunista holandês, mas, em consequência de diversos atritos, abandonou o partido em abril de 1931 e, desde então, não existem vestígios de nenhuma relação dele com o partido ou com outros partidos comunistas.

Os testemunhos frisam a sua atividade de opositor de todas as formas de organizações operárias e em particular, do partido comunista. Além disso, ele sustentava pontos de vistas fascistas e falava em reuniões públicas em favor dos atos de terrorismo individual.

Entre 1927 e 1933, viveu em círculos mais ou menos anarquistas e homossexuais, sendo ele mesmo homossexual.

Van der Lubbe tinha estado na Alemanha mais de uma vez antes da época do incêndio, mas não fala o alemão, ou o fala extremamente mal. Parece que ele esteve na Alemanha, pela última vez entre 15 e 17 de fevereiro de 1933, depois de ter declarado na Holanda, que ele tinha algo de muito importante a fazer na Alemanha. A comissão não recebeu testemunhos de suas viagens na Alemanha até o momento em que ele foi preso no Reichstag. (Continúa).

A propaganda Nazista nas duas Américas

"O Petit Parisien" publicou nos dias 15 e 17 do corrente um documento confidencial alemão que estabelecia as diretrizes da propaganda nacional — socialista no mundo.

"As instruções" para a propaganda constituem um verdadeiro tratado de espionagem e suborno.

Aproveitando-se de tudo o que é "alemão", a começar pelas companhias radiotelegráficas e radiotelefonicas e a terminar nas empresas comerciais e indivíduos particulares propositalmente industriados, o governo nazista espalhará pelo mundo as "ideias" da superioridade da raça ariana, da necessidade da esterilização dos indivíduos pertencentes às raças inferiores (como sejam: judeus, "mulatos sul-americanos" franceses, etc); da vantagem do emprego da cintura de castidade, da eficiência e elegância do emprego do machado nas execuções, do sistema de repressão das massas, da organização racional dos campos de concentração, etc.

Utilizar-se-á, para esse fim, de toda a "imprensa estrangeira, de tendências fascistas", gastando para isso qualquer soma de dinheiro desde que o jornal, "pela sua tiragem e pelo seu prestígio, faça jus a tal tratamento."

Plínio Salgado não deixará de aproveitar-se desse serviço e dessa ocasião.

Breve, veremos uma multidão de folhas integralistas empestear o território brasileiro de informações "alemãs", e "estrangeiras", favoráveis ao regime nazista.

E os jornalistas e intelectuais camiza-azeitona receberão um ordenado suplementar proveniente do dinheiro extorquido o proletariado alemão, a fôgo e sangue.

Silencio Fascista

"A retórica do silêncio... Si existe! Tornou-se uma retórica comoda. Há os que não falam e exaltam a constituição das novas "legiões dos silenciosos que trabalham muda e disciplinadamente", mas que, no fundo, não falam pelo simples motivo de que não têm coisa alguma a dizer..."

"...Há quem possua idéias interessantes e tenha capacidade de exprimi-las com inteligente clareza, mas que não fala para não estragar o sangue, para não sofrer amolações, para evitar a "baratinagem", para não ofender a susceptibilidade de Fulano ou Sicrano, personalidades de maior ou menor envergadura..."

"...Os que se constroem ao silêncio por quietismo ou por receio de estorvar a digestão dos que não cumprem com o próprio dever demonstram que não possuem — ou, no caso de se tratar de uma velha camisa-preta — que não mais possuem um temperamento fascista..."

— Estamos na presença de umas infamias espalhadas por algum despeitado — dirá o leitor menos avisado —, de algum desses antifascistas que o "duce" varreu a vassourada energica da península. Como? Pois então na Itália, no paraíso fascista, é preciso guardar silêncio para não ser incomodados? A digestão é possível só aos que não soltam pio? Em regime corporativo não se tem mais "coisa alguma a dizer", "para não ofender a susceptibilidade dos chefes"? Positivamente: o autor dessas frases deve ser um indivíduo duramente castigado pelo "duce".

No entanto, o autor dessa preciosa confissão é um fascista a cem por cento, correspondente do órgão do consulado fascista de São Paulo, "IL CORRIERE DEGLI ITALIANI". As linhas que reproduzimos acima foram publicadas por esse jornal no dia 13 do corrente sob o título de "A retórica do silêncio".

Admitir-se que o escriba fascista soltou essas informações sobre o "silêncio" fascista por ingenuidade seria admitir a existência de um grau de ingenuidade tão elevado que foge à mais ousada classificação científica. Devemos admitir que o faz por cinismo. O tal correspondente não ignora as razões da "retórica do silêncio" e sabe muito bem que não se trata de "retórica", mas de "necessidade". O seu vulgar cinismo confirma pela centésima vez que para ser fascista é preciso descer todos os degraus da abjeção a ponto de adquirir, perante as próprias vítimas, essa inominável atitude provocatória.

"Os que se constroem ao silêncio, etc. — diz com ar de bôbo o jornalista improvisado em pesquisador da psicologia das multidões — demonstram não possuir um temperamento fascista". Aqui, o escriba enche as medidas do cinismo e do ridículo: ele mesmo não aponta nenhuma irregularidade, nenhum erro dos chefes. Antes, lambe-os babosamente no resto das suas informações. A sua excomunhão dos silenciosos tem um sentido: o de decidir alguém que se resolveu perder a dizer sinão uma verdade, pelo menos uma fração de verdade, afim de comprometê-lo, como aconteceu a Kurt Sekukert, vulgo Curzio Malaparte, e enfiá-lo na gaiola.

O que, de resto, não é de todo lastimável quando se trata de um fascista.

Comisra Sociedade L.tda

Moveis e Tapeçarias

80-A — RUA JOSE' PAULINO — 80-A

Telephone: 4-0918

Que dirá o doutor Oswaldo Chateaubriand?

O VICE-CONSUL DA ITALIA EM CAMPINAS
AGRIDE FRANCISCO FROLA NO SALÃO DO
HOTEL VITÓRIA

O doutor Oswaldo Chateaubriand, diretor do "Diário da Noite", andou tecendo algumas considerações sobre a atividade política de Francisco Frola, aconselhando a polícia a proporcionar-lhe "a paz bucólica da Ilha dos Porcos".

Baseava-se, o ex-propagandista da Aliança Liberal, nesse ataque extemporâneo, no argumento de que o conhecido militante socialista é estrangeiro e não tem, portanto, o direito de se imiscuir em política brasileira.

Pois bem. Desejariamos saber o que dirá o doutor Oswaldo Chateaubriand sobre agressão que Francisco Frola sofreu em Campinas por parte do vice consul italiano daquela cidade.

Convém notar que não se trata apenas de uma agressão levada a efeito por um estrangeiro contra outro estrangeiro, por questões que interessem a sua pátria comum, mas sim de uma agressão levada a efeito por um estrangeiro — e, além disso funcionário consular de seu país — contra um cidadão brasileiro, como o é Frola, por questões de interesse nacional, pois a conferência era patrocinada pelo Partido Socialista Brasileiro.

Eis como se passaram os fatos:

O conhecido militante socialista foi convidado para proferir uma conferência era promovida pelo **cialismo**, pelo Diretório do Partido Socialista Brasileiro de Campinas. A conferência foi fixada para o dia 11 de Novembro. Logo que os fascistas tiveram conhecimento disso, começaram a perseguir Frola e sua família com ameaças, cartas an-

nimas, telefonemas etc., declarando que seria eliminado.

Frola foi a Campinas em companhia do cel. João Cabanas e do dr. Eelfort de Matos, hospedando-se no Hotel Vitória. Cerca das 19.30, enquanto jantava com seus companheiros de comitiva e o sr. Alfredo Pinheiro, secretário do P. S. B. de Campinas, foi aproximado por um fascista italiano, tal Masini e pelo vice-consul italiano de carreira, Germano Castellani, que tentaram levar a efeito uma agressão. A intervenção rápida de seus companheiros de mesa e a sua instantânea reação mudaram o resultado da empresa. O tal Masini e o vice-consul da Itália foram obrigados a abandonar precipitadamente o local.

A conferência realizou-se sem incidentes.

Que dirá Oswaldo Chateaubriand? Até agora, o diretor do "Diário da Noite" não se manifestou sobre a petulância e a truculência desses agentes do fascismo italiano que, acobertados pelas imunidades diplomáticas, exercem em território estrangeiro uma soberania que é negada aos próprios filhos da terra.

Estamos certos de que ele nada dirá. Os argumentos de que lançou mão nos seus artigos contra a intervenção de estrangeiros que são, aliás, cidadãos nacionais, tinham valor, ao seu ver, para atacar inimigos políticos, e não como princípio de ética política, porque ele bem que atura silencioso que os sequazes de Plínio Salgado chamem para as suas fileiras quantos estrangeiros puderem.

A política bancária do Reich

Quando o zelo revolucionário passa da oposição aos bancos do governo, a ignorância e a incerteza sobre os métodos e os objetivos conduzem frequentemente à criação de uma comissão de inquérito. Na Inglaterra, o governo trabalhista, preocupado em pôr em execução o seu programma e receoso de destruir o delicado mecanismo do banco e do crédito, criou a comissão Macmillan. Na Alemanha, onde o mecanismo do banco e do crédito encontrava-se, depois dos acontecimentos destes últimos anos, num estado de horrível desorganização, Herr Hitler seguiu o exemplo de Macdonald, exactamente pelas mesmas razões.

Mas enquanto na Inglaterra a comissão é constituída de representantes da finança, do commercio, da industria e do trabalho, para examinar os bancos, a finança e o crédito e para estabelecer directrizes aptas a permitir a esses elementos de desenvolver o commercio e os negócios", na Alemanha, em virtude do novo regimen, os membros da comissão são pessoas da confiança de Hitler e seu dever — segundo o "Voelksischer Beobachter" — é o "de procurar que funções devem ser dadas ao sistema bancario alemão afim de tornar o nacional-socialismo uma realidade."

Na primeira assembleia, installada a 6 de setembro, a comissão decidiu-se preparar relatórios sobre as tres questões seguintes:

1.) Os efeitos da guerra e suas consequências no systema bancario alemão;

2.) As medidas de reconstrução levadas a efeito desde 1931;

3.) As relações entre o Reichsbank e os bancos commerciaes.

O hitlerismo, antes de janeiro de 1933, pedia a libertação da escravidão dos juros, a socialização completa dos bancos e a criação de uma moeda "productiva". Os portavozes principais do partido nesse campo, eram o Dr. Feder, um engenheiro em repouso e o sr. Reinhardt, antigo instituidor. O dr. Schachts opunha-se systematicamente a esses pontos de vista. Todavia, segundo a "Voelksischer Beobachter", o nacional-socialismo não tem escrúpulos em abandonar, no momento opportuno, as theorias que se mostrarem inefficazes para

os seus fins. Pelos discursos de Von Schaacht e do dr. Keppler, deduz-se que o objectivo real da comissão é o de crear um solido systema bancario, funcionando como parte integrante da machina nacional-socialista. O dr. Schacht combate essa "política economica liberal, que espera que todos os males sejam sanados pela actividade descontrolada das forças nacionaes"; e, el não regeita, tambem, o contróle do Estado, porque isso seria impossivel na Alemanha, em vista das medidas de que o Estado lançou mão para sustentar os grandes bancos e os outros institutos monetarios.

O dr. Schacht exigiu uma divisão clara das espheras respectivas das empresas publicas e privadas. Isto significa, na pratica que o Estado não exercerá pressão sobre a situação já bastante enfraquecida dos bancos privados.

O dr. Schacht se oppoz, igualmente, á intensificação da centralização da industria bancaria alemã. A importancia dos bancos provinciaes diminuiu muito durante os annos da depressão e actividade dos bancos de negocios foi fortemente reduzida devido ás restrições levadas aos movimentos de capitais internacionaes. Como bancos de depositos, não restam senão o "Deutsche Bank" e o Dresdner, que praticamente, pertencem ao Estado, e o "Commerz und Privatbank", que, por sua vez, já está em grande parte nacionalizado.

O segundo orador Wilhelm Keppler, expôs o seu ponto-de-vista, que consiste no seguinte principio: O Estado deve, tanto quanto possivel, manter-se fóra da esphera do commercio e da industria; ao mesmo tempo, elle insiste sobre a importancia dos bancos de Estado, que devem ser muito fortes para auxiliar a industria nas épocas de crise e para sustentar o crédito com todos os fundos do Estado.

Esta breve exposição demonstra que em materia de reforma bancaria, como em todos os outros ramos da vida economica, a politica actual do governo nazi é muito menos radical do que se poderia esperar. O relatório da Comissão é esperado com grande interesse pelo effeito que exercerá sobre os "socialistas" que ainda não se decidiram a formar fileiras nos pelotões de Hitler.

Com as patas queimadas

O governo nazista entendem protestar, por intermedio do seu ministro das finanças, o conde Schewerlin von Krosigk, contra a inserção no "Economist", a revista tradicional do mundo financeiro, do artigo "O Terror Hitleriano", já traduzido nas nossas columnas.

Como a bravura e a coragem moral não sejam caracteristicas do nazismo e dos seus chefes, os governantes atuais da Alemanha, quando se trata de gente de "alto coturno", baixam tanto o diapason, que preferem usar métodos mais brandos e que deem menos na vista. Sem ir ás do cabo, mandaram então o conde ministro escrever particularmente a sir Walter Layton director do "Economist", fundado "na mais subida admiração" pela pessoa de sir W. Layton e pelo seu jornal, extrahindo que este tivesse aceito as conclusões do "Livro Pardo", sem esperar qualquer confirmação.

Em resposta, o director do "Economist", prontificou-se a assistir pessoalmente ao processo de Leipzig, ao menos em algumas das ultimas instancias, afim de poder ter dele uma impressão directa e assim dar um relato fiel e imparcial.

O ministro nazista achou prudente desconversar e replicou na seguinte carta jesuitica e que dá bem a medida dos processos governamentais e da moral politica nazista: Berlim, 15 de setembro de 1933. Caro Sir Walter

Não posso deixar de reafirmar a boa comprehensão que existia entre nós e a qual era devida em não pequena parte ás opiniões que professaveis publicamente sobre as questões alemãs, e eu, de bom grado, me certifico de que vossa attitude para com os problemas alemães torna impossivel pretender que tenhaes dado intencionalmente um relato, de qualquer maneira falso, da situação na Alemanha. Com effeito, é por vossa attitude geral e vosso conhecimento particular dos negocios alemães, que esperavamos naturalmente de vós uma opinião particularmente imparcial sobre o desenvolvimento interno da nova Alemanha. Mas fica de pé o fato de que vós permitistes a publicação no "Economist" de um julgamento unilateral, que causou repercussões na Alemanha, as quais mencionei na minha ultima carta. Como o processo de Leipzig está aberto ao publico, é possivel a qualquer um fazer um relato objetivo dele.

Sinceramente vosso,

Von Krosigk

O "Economist" respondeu ao pé da letra:

"Em primeiro lugar, com respeito á oportunidade de comentar o caso particular do incendio do edificio do Reichstag, o que se depreende da carta é que não está de accordo com as idéas gerais de lealdade, tirar conclusões de um caso ainda sub judice. Mas ha um outro canone de justiça que receamos esteja sendo esquecido ultimamente na Alemanha, isto é, que as pessoas devem ser consideradas inocentes até que haja provas de que são realmente culpadas. Contudo, em inumeros relatorios, extra officiais, semi-officiaes e officiais, asseverou-se na Alemanha que os comunistas são culpados de ter ateado fogo ao Reichstag. Goebbels, por exemplo, em um artigo no Volkische Beobachter de 1 de março ultimo, refere-se ao "ato de um comunista estrangeiro, de vinte e quatro annos de idade, que ateou fogo ao Reichstag, industria do pelas organizações dos partidos russo e alemão desta peste mundial. Ainda na terça-feira ultima, o Comissario de Justicia, Dr. Frank descreveu o "juizamento de comedia", feito em Londres, como altamente satisfatorio, no sentido de que pode fornecer "provas adicionais" da culpabilidade do comunismo mundial. Compreende-se que seja esta a linguagem de homens que consideram o Estado Alemão como em guerra com certos elementos do povo alemão, mas nem mesmo por um esforço de imaginação poder-se-á considerá-la como a linguagem de uma investigação imparcial judicial.

Ainda mesmo que o Supremo Tribunal decida que o caso contra os individuos que estão sendo accusados dele esta semana, seja um caso "não provado", o uso já feito na ultima eleição da inculpação do incendio do Reichstag, e a subsequente campanha contra todos aqueles que se alega estarem injectados de "marxismo", é uma ofensa contra aquele canone de justiça. Nestas circunstancias, o governo alemão e seus estelões que tomaram uma posição de destaque no julgamento, não podem queixar-se si outros tiram dele uma conclusão differente.

Em segundo lugar, com respeito ao "Terror" não se pode negar na Alemanha que a revolução Nazista tem sido acompanhada de assassinatos e atos de crueldade nem tam-

O SR. JULIO DE MESQUITA POUCO ENTUSIASMADO COM A ITALIA

RECIFE, 17 (H.) — O jornalista Júlio de Mesquita Filho, de passagem hoje por esta capital, a bordo do "Ar-lanza", falou aos diários recifenses. Manifestou-se pouco entusiasmado com o que observou na Itália. Acrecentou que se baterá, no Brasil, pela adoção de um regime baseado em fundamentos jurídicos, cuja negação constitui, no absolutismo fascista, a sua pedra fundamental.

Prosseguindo, disse ainda o diretor do "Estado de S. Paulo":

"Infelizmente, vejo esboçadas em nosso país, tentativas para a imposição de um regime que só encontraria acceitação nas tendências carnavalescas de um grupo, e nunca na maioria sensata da nação."

Como um liberal vê o fascismo

O prof. M. A. Chiavappa publicou em "A Semana" um artigo sobre "Fascismo e liberdade", extrahimos o seguinte trecho:

Mussolini é, sem duvida, um aventureiro. Ignora-se ainda o nivel a que os futuros acontecimentos lhe permitirão attingir, para poder compral-o com outros aventureiros da humanidade de todos os tempos e dos varios povos. Mas é certo que paizes admirados pela força de sua consciencia nacional e de suas instituições liberaes, tiveram tambem seus grandes aventureiros. A Inglaterra teve Cramwell, a França encontrou Napoleão. A propria Italia teve outros antes do atual, grandes e pequenos. Aventureiros foram os fundadores de muitas grandes dinastias. Ora, por superiores que fossem as aptidões e qualidades desses homens excepcionais, nenhum deles teria conhecido os favores do exito, sem as condições propicias do meio em que operaram. Entre as condições favoraveis do meio politico italiano de após-guerra, havia o enfraquecimento do espirito liberal, no qual a nação se formara, havia a materialização progressiva de todos os valores moraes e sociais, havia a confusão geral das idéas, num multiplice entrecchoque de interesses, dentro do crescente agravar da crise economica.

Clara aparece a interdependencia destes tres fatores no preparo da situação incubadora da reação fascista, á qual se pretende attribuir uma suposta função reconstrutora, quando realmente se apresentou como a negação de todos os valores fundamentais da vida nacional. Isto se demonstra pelos fatos que aqui brevemente serão lembrados.

A negação foi sintetizada e personificada por Mussolini, que lhe deu as formas mais violentas e extremadas. Todavia, o futuro ditador não dispunha de forças consideraveis nem no país nem na sua representação legal. Mesmo na ultima arrancada quando organizou a famosa "marcha sobre Roma", esta não teve os caracteristicos nem de vasto movimento popular nem de organização militar eficiente, constituindo apenas o esforço de uma minoria audaciosa que soube aproveitar o adormecimento de todas as energias que se lhe podiam opor e o não fizeram. Naquella ocasião, os camisas pretas, conforme o proprio relato fascista, alcançavam apenas o numero de 330.000. Muito poucos deles ti-

nham armas apropriadas para uma luta em regra. As columnas, providas de regiões diferentes, não tinham homogeneidade e careciam em absoluto de provisões. A victoria ter-lhes-ia sido impossivel sem o concurso de outros elementos de exito e sem a apatia dos seus adversarios logicos e naturais. Ligas operarias e campesinas, Confederação do Trabalho, partidos socialista e comunista, deixando de citar outros, constituíam a verdadeira maioria popular com a participação ativa de muitos milhões, cuja combatividade constituiria, até então, o motivo das principais preocupações da classe dirigente e do governo, com suas greves e demais fórmulas de imposição coletiva. Os ferroviarios, a classe melhor organizada do país, acabava de comprovar sua força, paralisando "ad libitum" a circulação dos trens. No entanto, a "marcha sobre Roma" foi toda feita por estrada de ferro. Os trens "marcharam" com maravilhosa regularidade, com a mais pontual cooperação do pessoal que poderia impedir o deslocamento, cruzando os braços. O general Badoglio, que é aqui lembrado por ter estado nesta capital como embaixador da Italia, disse então que poucos "metralhadoras enferrujadas" chegariam a dispersar a "milicia" fascista. Mas, esta, ao contrario, recebeu armas e virtualhas do Exército regular. Não houve conflito sério em parte alguma. E' evidente, pois, a total abdicação das forças defensivas do Estado e do povo.

"Enquanto incalculaveis eram os sacrificios impostos ás classes médias pelo estado de beligerancia, formava-se de um lado, uma nova plutocracia avida e voraz, que negociava sobre os mais sagrados interesses da nação. De outro lado, agitadores de profissão conseguiram aposar-se de posições privilegiadas. Quando afinal cessaram as hostilidades nas fronteiras, a pressão de milhões de ex-combatentes de volta das trincheiras e de multidoes de operarios deixados sem emprego pela cessação das industrias militares veio elevar esse estado geral ao seu diapason tragico, inescrupulosamente explorado por certos partidos."

Drs. Bruno Barbosa e Silveira Melo

Advogados

Rua São Bento, 58 - 2.º and.
TEL. 2-3780

CASA MILION

ALFAITARIA E
ROUPAS FEITAS

RUA STA. EPHIGENIA, 129

hem que o governo é responsavel por opressão systematica da liberdade — os campos de concentração. Os dirigentes responsaveis da Alemanha devem estar extranhamente enganados si não reconhecem quão profundamente abalado e comovido está o mundo inteiro por estes aspectos do novo regimen."